

# COMEDIA

DO SENHOR

## CARLOS GOLDONI

INTITULADA

### O CAVALHEIRO DE BOM GOSTO.

#### P E S S O A S :

<i>O Conde Oſtávio , Cavalheiro de Bom Gosto.</i>	<i>Pantalaõ de Biſignofi , negociante Veneziano.</i>
<i>A Condeſſa Beatriz , viuva , ſua cunhada.</i>	<i>O Doutor Anſelmo Medico.</i>
<i>O Conde Florindo , ſeu filho.</i>	<i>Bringella Lacaio , e depois Mor- domo da caza de Oſtávio.</i>
<i>A Marqueza Rozaura , contra- tada eſpoza de Florindo.</i>	<i>Bartholo , bicho da cozinha.</i>
<i>Dona Leonor , viuva , tia , e tu- tora de Rozaura.</i>	<i>Bibliothecario do Conde.</i>
<i>A Baroneza Clariffa , prima da Condeſſa Beatriz.</i>	<i>Dois criados , Secretario , e Ef- cudeiro.</i>
<i>O Conde Lelio , amigo de Oſtávio.</i>	<i>Hum pagem da Marqueza Ro- zaura.</i>
	<i>Hum criado de Dona Leonor.</i>

A SCENA SE REPRESENTA EM NAPOLES.

## L I S B O A

Na Offic. de ANTONIO RODRIGUES GALHARDO,  
Impreſſor da Real Meza Cenſoria.

\*\*\*\*\*

Anno MDCCLXX.

*Com licenſa da meſma Meza.*

E impreſſa á ſua cuſta.

# COMEDIA

DO SENHOR

## CARLOS GOLDONI,

INTITULADA.

### O CAVALHEIRO

### DE BOM GOSTO.



## ACTO PRIMEIRO.

### SCENA PRIMEIRA.

Camera do Conde Octavio, e nella apparece em roupa de chambre sentado a huma meza lendo em hum livro.

*Oct.* **B**em pôde dizerse que nunca na Italia florecêraõ tantos ingenhos raros, como no prezente seculo: este livro he tão bem escripto, que eu o reputo por hum dos Mestres da lingua: este sonho he coiza maravilhoza. O dialogo entre o tinteiro, e a lanterna he galantissimo. Mas já o Sol vai apparecendo; e começarão a vir as vizitas; não quero que me achem, nestes habitos; que quem quer conservar o respeito deve, ainda na propria caza, ter alguma pequena sujeição. Quem está ahi?

*Sahe Briguella, e hum Escudeiro.*

*Brig.* Que mandais, senhor?

*Oct.* Dize ao Mordomo que venha cá.

*Brig.* Senhor, fabereis . . .

*Oct.* Que temos de novo?

*Brig.* Que o Mordomo não apparece.

*Oct.* Como não apparece?

*Brig.* Não está no seu quarto; nem lá tem os seus baús, ou coiza alguma do seu fato: tem-se buscado por toda a cidade, e não apparece.

*Oct.* Levou alguma coiza?

*Brig.* O dispenteiro, e o cozinheiro tem feito toda a diligencia, e nada achão falto.

*Oct.* E porque te parece que se iria, depois de estar aqui oito dias?

*Brig.* Parece-me que se foi, porque vós ordenaste ao Secretario que lhe tomasse as contas todas as semanas.

*Oct.*

*Ost.* Esse he o meu costume: todas as semanas ajusto contas com o meu Mordomo.

*Brig.* Pois a elle não lhe fazia isso conta, e por isso se foi.

*Ost.* Estimo que se fosse: alguma coisa me levaria; porém não importa: se eu ajustasse contas no fim do mez, levaria muito mais. Agora necessito tomar outro: mas não em tanto quem servirá em seu lugar?

*Brig.* Senhor, vós conheceis os vossos criados, e sabeis de quem deveis fiaryos.

*Escud.* Excellentissimo senhor, eu já servi tres annos de Mordomo.

*Ost.* Onde?

*Escud.* Em huma cidade, que se chama Vipaco.

*Ost.* Vipaco! onde fica?

*Escud.* Nos principios da Germania entre os rios Todesco, e a Stiria.

*Ost.* Tenho corrido quazi toda a Europa, não tenho especies de semelhante cidade; parece-me ouvi falar de huma pequena villa chamada Vipaco.

*Escud.* Não, senhor: he huma cidade (he preciso sustentar o que disse.) *á part.*

*Ost.* Está bem; será. Chamai-me o Bibliothecario. *Para Brig.*

*Brig.* Eu vou, senhor. *Vai-se.*

*Ost.* A quem serviste? *Para o Escud.*

*Escud.* A hum Cavalheiro daquelle paiz.

*Ost.* E que salario tinhas?

*Escud.* Tres quartinhos cada mez, e dois vestidos.

*Sahe Briguella, e Bibliothec., e diz:*

Que me quereis, senhor?

*Ost.* Traz-me o tomo de Martinie, letra V.

*Bibl.* Vou buscallo.

*Vai-se.*

*Escud.* Agora poem-se a ler, e não se lembrará mais de Vipaco. *á p.*

*Ost.* Tragaõ-me o vestido.

*Brig.* Eu vou.

*Vai-se.*

*Ost.* E em Napoles servieis de Escudeiro?

*Escud.* Faço-o por necessidade.

*Sahe Briguella com o vestido, e vai para o vestir a Octavio.*

*Escud.* Dá cá; que isso não te toca a ti.

*Brig.* Tambem eu sou criado.

*Escud.* Os lacaios não poem a mão nos amos.

*Tira-lhe o vestido, e veste-o a Octavio.*

*Brig.* Quem sabe se algum dia a fortuna me fará despir esta libré?

*Sahe o Bibliothecario com hum livro.*

*Bibl.* Aqui está?

*Octavio toma o livro, e o poem sobre a mesa, e se senta a ler.*

*Escud.* Se chego a ser Mordomo, hei de abater o orguiho a estes lacaios.

*Brig.* Ainda tenho esperanças: pois o Patrão he hum Cavalheiro, que costuma fazer justiça. *Para o Esc.*

*Ost.* Senhor Mordomo.

*Escud.* Meu senhor.

*Ost.* Chegue para cá, senhor Mordomo.

*Escud.* São effeitos da bondade de vossa Excellencia.

*Ost.* Serviste em Vipaco?

*Escud.* Sim, senhor.

*Ost lendo:* Vipaco aldeia de Italia no Condado de Gorizia, perto da

mã de hum rio ; de quem toma o nome.

*Escul.* Creia-me , senhor . . . .

*Oct.* Es hum villaco : logo logo fóra de minha caza.

*Escul.* Mas porque . . . . .

*Oct.* Ide-vos no mesmo instante.

*Escul.* E rogo por caridade . . . .

*Oct.* Não me repliqueis.

*Escul.* Paciencia : ir-me-hei.

*Brig.* Criado , senhor Mordomo. *ao Escudeiro.*

*Escul.* Malditos são os livros , e mais quem os imprime. *Vai-se.*

*Oct.* Não me servem criados vilhacos.

*Brig.* Vós sois hum Cavalheiro , que até tem boa escolha nos seus criados.

*Oct.* Sim : pago bem a quem me serve , e difficultozamente acharão quem lhes dê salario maior : premeio-os , e regalo-os ; porém quero que tenham estas tres circumstancias , pontualidade , attenção , e politica.

*Brig.* He hum amo admiravel : eu por elle me metteria no fogo. Não ha coiza melhor , que servir a hum amo generozo. *à part.*

*Oct.* Briguella , Briguella.

*Brig.* Senhor.

*Oct.* Quantos annos ha que estás em minha caza ?

*Brig.* Haverá doze annos , que me tem parecido doze dias : continuamente estou dando graças ao Ceo por ter servido hum Cavalheiro tão benigno , e espero acabar os meus dias nesta abençoada caza.

*Oct.* De ti não tenho tido razão de queixa : es hum criado fiel , honrado , e civil ; e por isso te quero fazer meu Mordomo.

*Brig.* Não sei , senhor , o que diga :

a alegria me embarga a voz , e faltao-me as palavras para o agradecimento.

*Oct.* O agradecimento , que eu quero , he que me sirvas com cuidado , e fidelidade.

*Brig.* Espero , senhor , que não teris motivo de vos queixar da minha má vontade : e quanto permitir a minha habilidade , farei todo o possível por vos servir bem.

*Oct.* Pois anda , vái despir a librê , e diz que te dem da minha guarda-roupa dois dos meus vestidos do campo.

*Brig.* Agradeço-vos , senhor , a esmola.

*Oct.* Como estás de roupa branca ?

*Brig.* Graças ao Ceo ! tenho com que me remediar.

*Oct.* Pois lembra-te de conservar o respeito com os criados inferiores ; faze que me sirvaõ ; e trata-os bem. Aos lacaios pago a secco ; porém quero que o que sobeja da minha meza se reparta por aquella pobre gente : faze tu isto para adquirir para com elles algum merecimento , e para te respeitarem , pois a mim não me está bem embarçar-me com estas miudezas da familia : hum bom Mordomo pôde fazer isto admiravelmente.

*Brig.* Na meza ha de proseguir-se o costumado ?

*Oct.* Sim : já sabes o meu costume. A minha meza ha de ser capaz de poder chegar a ella qualquer amigo sem ser convidado. Ordinariamente quero doze pratos. Duas cobertas de seis pratos cada huma , he o meu ordinario. Algumas vezes ha alguma mudança , e dos doze pratos se fazem dezaseis ; porém hum jantar de doze pratos da cozinha he muito de-

decente para todos os dias. O vinho da minha quinta he sufficiente. depois do jantar sempre quero ter prompto o café. A' noite não se faz cea; se algum quizer comer, que vos diga o que quer: fazei-o servir no feu quarto. Nas occazioens de convitte eu vos darei as ordens conforme o empenho que tiver. Gastaí com economia; ordenaí ao cozinheiro que faça sempre nos pratos alguma variedade; que sejaõ sabo rozos: pois quero as coizas bem feitas, e quero que, quando gasto seis, pareça, que gasto dez.

*Brig.* Tenho entendido, senhor; e farei toda a diligencia para que fiqueis bem servido.

*Oct.* Ouve: se quizeres fazer a tua fortuna, e melhorar de estado, e ter certo o paõ para a velhice, não queiras junta-lo pela tua maõ: porta-te bem, e deixa-me o campo livre, para que eu o faça em remuneraçõ da tua fidelidade.

*Brig.* A hum amo, que conhece o merecimento, que premea, he forçozo ser fiel: mas quem trata mal, quem he ingrato com os pobres criados não pôde ser amado, e rara vez encontra criados fiéis. *Vai-se.*

*Bibli.* Eu me alegro da boa escolha que fizestes, pois Briguella he hum homem de bem.

*Oct.* Conheço-o; e por isso o remunerero. Quem quizer que os criados o sirvaõ bem, deve dar-lhes boas esperanças do feu trabalho, pois todos fervem bem quando são bem recompensados.

*Bibli.* Mandais mais alguma coiza que eu faça?

*Oct.* Já fizestes a separaçõ dos livros antigos, e modernos?

*Bibli.* Já, senhor.

*Oct.* Quaes são mais?

*Bibli.* Os modernos.

*Oct.* Neste seculo todos escrevem, e todos imprimem.

*Bibli.* Os livros antigos neste seculo são inuteis.

*Oct.* Porque?

*Bibli.* Porque os Auctores modernos não fizeraõ mais, que copiar os antigos: e temos nos Escriptores do nosso seculo tudo o que fica dito, e tornado a repetir nos seculos passados.

*Oct.* Sim: mas os Auctores antigos são precizos para recorrer a elles, confrontar, e entender o que dizem os modernos.

*Bibli.* Eu, senhor, estou-me agora intertendo em huma pequena obra.

*Oct.* Sim! em que te divertes?

*Bibli.* Faço hum livro de todos os livros: da livraria tiro alguma coiza; e faço huma obra, que pôde chamar-se univerval.

*Oct.* Amado Bibliothecario, não tomeis similhante trabalho: o mundo está cheio de similhantes obras, e destes livros temos abundancia.

*Bibli.* Faço-o para empregar com algum proveito as horas de descanso.

*Oct.* Empregai-as em ler: não cuideis só em tomar de memoria o frontispicio, e os indices dos livros, e as sentenças para parecer aos ignorantes hum homem cheio de erudiçõ: estudaí com fundamento, e methodo, se quereis ser homem douto.

*Bibli.* Ha tantos dictionarios bons, que qualquer pessoa se pôde instruir com pouco trabalho.

*Oct.* Hoje poucos estudaõ com fundamento: recorre-se a hum dictionario, e aprendem-se as coizas superficialmente. Faz-se hum embriaõ

na fantazia, e nada tem digestão : os mesmos homens ficão sendo hums indices, e dictionarios.

*Bibli.* Visto isso, não são os dictionarios uteis, e proveitosos?

*Oct.* São uteis; mas he para os homens, que já tem estudado; e não para os que aprendem.

*Bibli.* Se me não ordenais outra coisa, vou para a livraria.

*Oct.* A Deos, senhor Indice. *Vai-se o Bibliothecario.*

*Sahe o Escudeiro.*

*Escud.* Está ahi fóra o senhor Pantalão.

*Oct.* Que entre: e em quanto estou com elle não recebo outra vizita.

*Escud.* A senhora Condessa mandou saber se vossa Excellencia estava occupado.

*Oct.* Dize á Condessa, que logo vou tomar com ella o chocolate.

*Vai-se o Escud.*

Minha cunhada he huma Dama extravagante: pertende fazer-se respeitada com a tuberba: e engana-se inteiramente. O verdadeiro merecimento da nobreza he conservar hum trato benevolo em hum nascimento illustre.

*Sahe Pantalão.*

*Pant.* Sou criado do senhor Conde.

*Oct.* Seja's bem vindo, ó meu amigo Pantalão: sentai-vos aqui ao pé de mim

*Pant.* Obedeço. *Senta-se.*

*Oct.* O que temos de novo?

*Pant.* Hontem vendi as péll'es de Mofcovia; e ganhamos neste negocio quatrocentos mil réis livres do capital, e dispezas.

*Oct.* Bem: em dois mezes não se pôdia fazer melhor negocio.

*Pant.* Se quereis os duzentos mil réis que vos tocaõ...

*Oct.* Sim; dai cá: firvirão para gastar com meu sobrinho, que por instantes se espera.

*Pant.* Quereis ver todas as contas da compra, venda, e dispezas?

*(Tira hum livro.)*

*Oct.* Por hora não: fazei assento que recebi de vos duzentos mil réis; e daqui a alguns dias veremos as contas.

*Pant.* Pois seja como mandais: atequi todos os nossos negocios vão bem; tem rendido para as dispezas.

*Oct.* Dir-vos-hei: senhor Pantalão, para viver com a decencia, que pede a minha esfêra, bastaõ-me as rendas da minha caza; porém eu quero alguma coisa mais. Gósto nas occasioens portarme com magnificencia: quero fazer-me estimar; cultivar os amigos, e gozar-me do mundo: e para fazer isto he preciso exceder muito as minhas rendas. Se me empenhasse, seria digno de reprehensão, e com o tempo me faria ridiculo; e tomei este expediente, negoceio comvosco; e hum capital de oitenta mil cruzados me dá com que viva com grandeza, sem empenhar os bens do Morgado.

*Pant.* Vós sois hum Cavalheiro, que sabe o que faz. O negocio algum tempo era o melhor patrimonio das cazas illustres: e ainda hoje he maxima assentada em muitas cidades, que o negocio não deteriora a nobreza: he preciso com tudo conformar-se com o sistema do lugar, em que se vive, e dissimular para conservar o decóro,

*Oct.*

*Os.* A minha fortuna foi encontrar-vos, que fois hum homem verdadeiro, e pontual.

*Pant.* Eu faço o que devo. Esperais vosso sobrinho?

*Os.* Sim: meu sobrinho já sahio do collegio, e se espera em Napoles para se celebrarem as nupcias entre elle, e a Marqueza Rozaura.

*Pant.* He senhora muito illustre, filha unica, e rica: estimo-o infinitamente. Mas perdoais-me, senhor; porque não cuidai vós em cazaros primeiro, que vosso sobrinho?

*Os.* Amigo Pantalão, vós não me quereis bem.

*Pant.* Porque dizeis isso?

*Os.* Se me quizesseis, bem não me aconselhariéis que me cazasse. Que quereis que fizesse depois de cazado?

*Pant.* Eu sei que não vos desagrada a companhia das Damas.

*Os.* Sim: eu converso-as, e trato-as de muito boa vontade; porém, se tivesse mulher, no fim de tres dias me aborreceria.

*Pant.* Não vos haveis de enfastiar, se a certasseis com huma boa mulher.

*Os.* Mostrai-me vós huma mulher, que seja boa; e hoje mesmo me cazo.

*Pant.* Pois vós assentais que nenhuma mulher he boa?

*Os.* Sim, mas como hum premio nas sortes: huma entre cento dezaete mil quatrocentas e oitenta.

*Pant.* Pois me obrigara a darvos huma mulher boa, e da vossa satisfação.

*Os.* Está bem: para mostrar que vos estimo, quero cazarme; quero receber essa boa Dama, que me propondes; mas ha de ser com esta condição, que vós me haveis de se-

gurar, que he verdadeiramente boa; e que se ha de conservar boa; de forte que, se assim não succeder, haveis de pagarme vinte mil cruzados.

*Pant.* Eu não posso fazer semelhante seguro.

*Os.* Logo não tendes certeza de que seja boa.

*Pant.* Lilla he boa; mas pôde fazer-se má.

*Os.* Pois eu hei de recebella na duvida que seja boa, e no risco que se faça má? Amigo Pantalão, cuidemos nos couros de Moscovia, que dão mais proveito, do que as mulheres aos maridos.

*Pant.* Não sei o que vos diga. Fazei o que melhor vos parece; mas todos sentem que vos não cazeis.

*Os.* Isso são aquelles, que invejão o meu descanso.

*Pant.* E quantas senhoras aspirão à honra dos vossos depozorios?

*Os.* Não creio nenhuma.

*Pant.* Pois eu me persuado que ha muitas que vos querem bem.

*Os.* Querem-me bem? pobre Pantalão! fois nimiamente bom: amaõ o meu tratamento; entendo, entendo: não me deixo facilmente enganar.

*Pant.* Porém praticais com ellas de boa vontade.

*Os.* Sim zombo dellas, como ellas zombaõ de mim: finjo que não as entendo, para gozar da scena toda: querem-me bem? malditas! pobre de mim, se eu me chegava a namorar!

*Pant.* Pois para que as praticais?

*Os.* Com alguem se ha de conversar neste mundo: todos vivem pouco mais, pouco menos de imposturas: quem he de bom gosto, dissimula,

e desfruta o mais que pôde; creó que lhe parece; e ri dos loucos; e faz o mundo ao seu gosto.

*Pant.* Quereis que vos diga? gósto desse vosso modo de pensar.

*Oct.* Amigo Pantalão, quereis-me alguma coiza mais?

*Pant.* Nada: não vos quero incomodar.

*Oct.* Pois aproveitemos o tempo que he preciozo: vós o podeis empregar com utilidade nos vossos negocios; eu não o gásto inutilmente: tenho o tempo repartido para a economia da minha caza; para o estudo; escrever; ler bons livros; para tratar de algum negocio sério, para a meza, para a conversação; e algumas vezes para me interter hum pouco em me divertir em fazer amor.

*Pant.* Logo vós também fazeis amor?

*Oct.* Sim; eu faço amor como o gato faz com a gata, que está cossando as unhas: olha para ella; mas não a toca.

*Pant.* Oh que amavel Cavalheiro!

*Oct.* Quem está ahí?

*Sahe hum Escudeiro.*

*Oct.* Acompanhem ao senhor Pantalão. *Ao Escudeiro.*

*Pant.* Fico ás vossas ordens.

*Oct.* Passai muito bem.

*Pant.* Quando aqui venho, não posso apartarme; tem huma conversação que encanta. *à p. Vai-se.*

*acompanhaõ o Escudeiro até á porta.*

*Oct.* Pobre homem! não conhece o mundo; e parece-lhe que a sua visita me ha de occupar meio dia.

*Escud.* Senhor.

*Oct.* Chama me o Secretario, e o Mordomo.

*Escud.* Elles aqui estão na antecamera.

*Oct.* Pois que entrem; e tu deixa-te estar. *(O Escudeiro fallos entrar.)*

*Sahe o Secretario, e Briguella.*

*Oct.* Secretario, respondi a essas duas cartas: á primeira palavras geraes; que tenho a gloria de ter occasião de servir ao seu recommendado: á segunda com arrogancia; que eu não tenho merecimento em servir ao virtuozo recommendado; pois o gósto de o communicar, he recompensia bastante: á treceira, que eu não costume favorecer a quem falta a justiça. Briguella, vai pagar essas duas pipas de vinho, que se receberão: vê a conta do alfaiate. Se hoje vier meu sobrinho, accrescenta a meza: aqui estão quarenta moedas. Vós, Escudeiro, ide visitar a Marqueza Rozaura, e sabei como passou a noite: e a mesma visita fazei a Dona Leonor sua tia. Secretario, lêde este memorial, e fazei as duas cartas de recommendação. O jantar seja magnifico *(a Briguella)* a visita seja como deve ser; primeiro á Marqueza, depois a Dona Leonor *(ao Escudeiro)*, e acompanhai minha cunhada. *Vai-se.*  
*Brig.* Grande cabeça! *Vai-se.*  
*Escud.* Forte juizo! *Vai-se.*  
*Secret.* He hum Cavalheiro bem discreto. *Vai-se.*

SCENA II.

Camera da Condesſa Beatriz.

Sahe a Condesſa Beatriz, e a  
Baroneza Clarissa.

*Beat.* Assim he, amada prima; hoje se espera meu filho.

*Clarif.* E he verdade que estaõ justos os despozorios com a Marqueza Rozaura?

*Beat.* Sim estaõ justos, porẽm naõ teraõ effeito.

*Clar.* Porque? a Marqueza he nobre, e rica?

*Beat.* Naõ se haõ de concluir; porque o ajuste fello o Conde meu cunhado.

*Clar.* Como tio de Florindo lhe tocava fazello.

*Beat.* Tocava fazello? Prima, sabeis pouco disso; eu sou mãi de Florindo, e a mim he que me pertencia buscar-lhe a espoza; e se para esta caza ha de vir a nora, devo eu sabello primeiro, que ninguem.

*Clar.* Amada prima, perdoai-me se vos falo com liberdade: naõ vos piqueis disso; porque o Conde Octavio he hum Cavalheiro prudente; e se o fez, foi porque julgou que era util à vossa caza.

*Beat.* Meu cunhado he homem prudente? he hum estragado, hum prodigo, que tem arruinado esta caza, e precipitado o pobre sobrinho.

*Clar.* Todos nesta cidade o reputaõ por homem sabio.

*Beat.* Nem todos sabem o que eu fei: as nossas rendas naõ podem manter aquelle tratamento magnifico, nem as grandes dispezas que elle faz.

*Clar.* E que quereis dizer nisso?

*Beat.* Que elle tem gasto do capital.

*Clar.* Porẽm atẽgora nada tem vendido.

*Beat.* Quero que me dẽ conta do meu dote.

*Clar.* Naõ consta que tenha dividas.

*Beat.* Quando Florindo chegar ha de tomar-lhe conta da sua administraçaõ.

*Clar.* Crede o que vos digo: enganais-vos.

*Beat.* Naõ pôde ser.

*Clar.* Vós naõ sabeis os seus negocios.

*Beat.* Tudo sei: e digo-vos que vai arruinando a caza.

*Clar.* Prima, convẽm naõ o discutir.

*Beat.* Eu naõ tenho medo d'elle.

*Clar.* He hum Cavalheiro, que o naõ merece.

*Beat.* Sim, sim, he hum Cavalheiro que o naõ merece; agora advirto, que ha hum par de tempos, que o senhor Conde vos namora.

*Clar.* Tratai-me com mais atençaõ: meus pais naõ cuidaraõ no meu estabalecimento antes da sua morte: estou em idade, em que sei discernir o bem do mal: sou huma moſa nobre, e huma Dama honrada, e com ninguem arriscarei o meu credito; porẽm, se a fortuna se me offerecer, naõ deixarei de lançar maõ d'ella.

*Beat.* Logo, se o Conde Octavio quizeſse fazer a parvoice de se cazar, naõ deixarieis de aceitar a sua maõ?

*Clar.* Para que chamais parvoice à inclinaçaõ, que o Conde pôde ter ao matrimonio?

*Beat.* Meu filho he preciso que caze, e na nossa caza naõ podem haver dois matrimonios.

*Clar.* Prima, esta naõ he a vossa caza.

B

Beat.

*Beat.* Como? não he minha a caza?  
*Clar.* A vossa caza he na porta Capua-  
 na.

*Beat.* Tenho aqui o meu dote.

*Clar.* Isso he huma coiza, que se pô-  
 de levar de huma parte para outra.

*Beat.* Aqui está meu filho.

*Clar.* Já não he menino: e o tio pa-  
 terno he legitimo tutor do sobri-  
 nho.

*Beat.* Pelo que entendo, vós tendes  
 disposto desta caza, e estais proxi-  
 ma a ser senhora della.

*Clar.* Não tenho disso certeza algu-  
 ma; mas quando a tivesse . . . .

*Beat.* Mas ahí vem o Conde, talvez  
 que venha por vosso respeito.

*Clar.* Pois eu me hirei por vos evitar  
 o desgosto.

*Beat.* Oh não lhe façais essa descorte-  
 zia . . . . *com ironia.*

*Sahe o Conde Octavio.*

*Oct.* Minha cunhada, estimo que pas-  
 sasseis bem a noite.

*Beat.* Muito bem. *grave.*

*Oct.* Servo da senhora Baroneza.

*Clar.* Sou muito servo do senhor  
 Conde.

*Oct.* Em que vos estaveis divertindo?

*Clar.* Eu já estava para me retirar.

*Oct.* Será talvez porque eu cheguei?

*Beat.* Sim senhor: a modettia a obri-  
 ga a retirar-se porque chegastes  
 vós.

*Oct.* Senhora, eu não venho alterar a  
 vossa modestia. *a Clarissa.*

*Clar.* Minha prima está-se divertindo  
 comigo. *ao Conde.*

*Beat.* É ella divertir-se ha agora com-  
 vosco. *ao Conde.*

*Oct.* A senhora Baroneza he huma  
 Dama de todo o merecimento.

*Clar.* Não me mortifiqueis.

*Beat.* Senhor Conde, seja-lhe para  
 bem.

*Oct.* Oh amada cunhada, não me  
 querais invejar esta pequena fortu-  
 na.

*Beat.* Antes por vos dar gosto me re-  
 tirarei. *quer ir-se.*

*Oct.* Não, não: deixai-vos estar;  
 tendes demaziada bondade.

*Clar.* Pois, senhor, retirar-me-hei eu.

*Oct.* A Condessa Beatriz não ha de  
 consentir que vos auzenteis.

*Beat.* Por mim pôde ir quando qui-  
 zer.

*Oct.* Vamos, vamos: liberdade de  
 parentes; quando vos cazais?

*Clar.* Não sei que lhe responda. *à p.*

*Oct.* Pobrezinha! finto vervos perder  
 o vosso tempo.

*Beat.* Se tendes dó della, consolai-a.

*Oct.* Ouvis o que diz a Condessa  
 Beatriz, e poder-vos-hia eu conso-  
 lar? *a Clarissa.*

*Clar.* Senhor Conde, até outra vez.  
*quer ir-se.*

*Oct.* Oh não vos vades tão de pressa.

*Beat.* Senhor Conde, está namorado?

*Oct.* Sim, e não pouco. *rindo para  
 Beatriz.*

*Beat.* Agrada-vos a senhora Clarissa?

*Oct.* A quem não ha de agradar? olhai,  
 que bellos olhos!

*Clar.* Seria eu feliz, se salasse de ve-  
 ras. *à parte.*

*Beat.* Pois he hum casamento bem  
 facil de fazer-se.

*Oct.* De vagar, não digais parvoices.  
 Ah Baroneza, quereis-me bem? *à p.*

*Clar.* A huma moissa donzela não esta  
 bem responder a similhantes per-  
 guntas. *para Beatriz.*

*Clar.* A huma moissa donzela não esta  
 bem responder a similhantes per-  
 guntas.

*Oct.* Ouvi: se me não respondeis,  
 percebo-vos nos olhos o que me  
 quereis dizer.

*Clar.*

O Cavalheiro de Bom Gosto.

11

*Clar.* Sois muito malicioso.

*Oct.* Não sei qual de nós tem mais malicia.

*Clar.* Ah senhor Conde.

*Oct.* Continuaõ.

*Clar.* Prima, até o outro dia. *quer ir-se.*

*Oct.* Ouvi, ouvi.

*Clar.* Não quero ouvir mais.

*Oct.* Huma palavra só.

*Clar.* O que he? (*torna a voltar.*)

*Oct.* Oh que bellos olhos!

*Clar.* Que vos leve a breca: já não posso mais. *Vai-se.*

*Oct.* Estou estalando de rizo.

*Beat.* Vós ride-vos, e ella fica com o desvanecimento.

*Oct.* Pois deixai-a.

*Beat.* Eu não quizera, senhor cunhado, que assim rindo viesse a ser de verás.

*Oct.* Não quizereis! oh não quizereis!

*Beat.* Eu não sou capaz de diffimular: digo logo o que tenho no coração, e não hei de gostar que o matrimonio do tio sirva de ruina ao sobrinho.

*Oct.* Pois ha de ficar satisfeita. *à part.* Porém amada cunhada, quereis que por esses respeitos humanos padeça tanto hum pobre homem?

*Beat.* Oh vós já não sois rapaz?

*Oct.* Por isso mesmo: em quanto eu era rapaz, podia esperar alguma fortuna; porém agora se não me cazo, não tenho mais que esperar.

*Beat.* Pois devéras quereis cazar?

*Oct.* Se achasse com quem, porque não?

*Beat.* Quereis arruinar-vos?

*Oct.* Se o pobre meu irmão se arruinou, porque não faria eu o mesmo?

*Beat.* Admiro-me de vós. Vosso irmão teve huma mulher prudente,

*Oct.* Oh, perdoai-me: não me lembra que ercis viuva de meu irmão.

*Beat.* Quereis encher esta caza de mulheres?

*Oct.* Olhai: quantas mais mulheres houverem, mais amigos teremos, que nos vizitem.

*Beat.* Pois já tendes espoza?

*Oct.* Tenho tres, ou quatro para escolher.

*Beat.* Não; cazai com todas.

*Oct.* Se podesse; porque não?

*Beat.* Quereis que vos diga a verdade? em vós augmentaõ-se os annos, e falta o juizo.

*Oct.* Pois antes que me falte audo, quero cazar-me.

*Beat.* E meu filho?

*Oct.* Caze-se elle tambem.

*Beat.* Dois matrimonios juntos?

*Oct.* Eu não fico na sua camera, nem elle na minha.

*Beat.* Duas noivas em huma caza?

*Oct.* Ainda teremos camas para oito.

*Beat.* Sinto devorar-me de raiva.

*Oct.* Pobrezinha: eu me compadeço! quereis vós tambem cazar-vos?

*Beat.* Bem mereccis que eu o fizesse.

*Oct.* Caspíte! pregaveis-me huma tor-te pessa.

*Beat.* Levaria comigo o meu dote.

*Oct.* Porém tinha a consolação que tambem vós hiríeis.

*Beat.* Não o farei, por amor de meu filho.

*Oct.* Oh que grande he o amor dos pais para com os filhos! já suspiro pela hora, em que me veja cercado de tres, ou quatro filhinhos que me consolem.

*Beat.* Vós fazeis isso, só por me fazer enraivecer.

*Oct.* Vós vos enraivecereis, e eu me gozarei da bella espoza.

B ii

*Beat.*

*Beat.* Ainda o não posso crer.

*Oct.* Vedes como he bello este anel?

*Beat.* He boa prenda para huma noiva! compraste-lo para vosso sobrinho?

*Oct.* Comprei-o para a minha noiva.

*Beat.* Faz-me isso a maior raiva, que he possivel.

*Oct.* Neste mundo não tenho consolação maior, que fazer enraivecer huma mulher. *à parte.*

*Sahe o criado, e diz:*

A senhora Dona Leonor pede licença para vos vizitar. *A D. Beatriz.*

*Oct.* Oh! esta Dona Leonor tambem he huma viuva bizarra.

*Beat.* Tambem vos agrada?

*Oct.* A mim todas me agradaõ.

*Beat.* Vem só? *para o criado.*

*Criad.* Vem com a Marqueza sua sobrinha.

*Oct.* He a Marqueza Rozaura, que ha de ser vossa nora.

*Beat.* Minha nora? dize-lhe que não estou em caza. *para o criado.*

*Oct.* Oh! isso he despropozito: admiro-me de vós, senhora: isto agora tambem me toca: e se a não quereis receber, eu hirei recebellas no meu quarto.

*Beat.* Bem, bem; dize-lhe que podem entrar. *Vai-se o criado.*

Porém á cerca deste matrimonio temos muito que falar.

*Oct.* Pois que duvida podeis ter a hum simillhante matrimonio?

*Beat.* A mim não se me falou como devia ser.

*Oct.* Pois eu não vos falei?

*Beat.* Eu como sua mãe devia ser a primeira que o soubesse.

*Oct.* Perdo-ai: não me lembrou; mas eu emendarei o erro. Quando me eu

cazar, haveis vós sei a primeira què o saibais.

*Sahe Rozaura, e Leonor.*

*Roz., e Leon.* Sou criada da senhora Condessa.

*Beat.* E eu muito ferva da senhora Dona Leonor, e da senhora Marqueza.

*Oct.* Gentilissimas senhoras!

*Roz., e Leon.* Suas servas. *Senta-se.*  
*Leon.* Eu, e a Marqueza minha sobrinha sahimos a vizitar minha irmã, e de caminhar a tragó aqui a cumprir com a sua obrigação.

*Beat.* Agradeço-vos que por meu respeito fizesseis mais essa vizita.

*Roz.* Eu estou muito obrigada ao senhor Conde, que me fez a mercè de mandar saber como eu tinha passado.

*Oct.* He huma attenção devida do vosso respeito a huma Dama de tão grande merecimento.

*Leon.* Tambem eu recebi a mesma fineza, não sei se de propozito, se accidentalmente.

*Oct.* Pela grande ancia, que tinha de saber novas vossas.

*Leon.* Eu não vos mereço estes dissellos.

*Oct.* Antes nenhuma outra coisa vos mereço mais.

*Beat.* O maldito de meu cunhado com todas se agarra. *à parte.*

*Leon.* Eu me julgara feliz, se falasse de veras. *à parte.*

*Oct.* Senhora noiva, pareceis que estais melancolica?

*Roz.* Pois não o estou interiormente.

*Beat.* A senhora Marqueza he noiva? seja-lhe para bem.

*Leon.* Vós o sabeis melhor, que ninguém.

*Beat.*

*Beat.* Eu não sei nada.

*Leon.* Senhor Conde, de que procede aquelle desdem na senhora Condessa?

*Oct.* Nasce da extravagancia do seu genio: ella sabe bellamente que está verbalmente justo o contrato das nupcias da senhora Marqueza Rozaura com Florindo meu sobrinho: sabe que o dote está praticado: sabe que eu concluo este negocio: tudo sabe, e de tudo he contente; mas quer dar este susto à noiva, mostrando que a surprende esta noticia.

*Beat.* He bem verdade, que sei tudo isso; mas não da senhora Rozaura.

*Roz.* Perdoai, senhora Condessa; o meu estado não me permite, que eu me embarce em semelhantes negocios: e ainda que possesse dispôr de mim, não havia eu ser a que buscasse o espozio.

*Leon.* Esperavamos, que a senhora Beatriz nos fizesse favor, e desse algum signal do seu agradecimento.

*Beat.* A mim me não buscaraõ no principio; e não quiz dar-me por sabedora: do meu dote farei o que me parecer.

*Oct.* Senhora, não julgueis que o dote da noiva se quer segurar com o vosso: eu me obrigo a elle, e me faço responsavel por isso juntamente com meu sobrinho.

*Beat.* Meu filho ainda não deu o consentimento.

*Oct.* Dalo-ha, dalo-ha?

*Beat.* Talvez que sim, talvez que não.

*Oct.* Dalo-ha, dalo-ha.

*Beat.* Meu cunhado faz-me enraivecer.

*Criad.* Senhor, he chegado o senhor Conde Florindo.

*Oct.* Ficai com essas senhoras em quanto eu o vou buscar.

*Beat.* Senhor não, senhor não; he meu filho, e eu he que o quero ver primeiro. *Vai-se, e o criado.*

*Oct.* Faça boa jornada. Senhoras, não façais cazo do temperamento de minha cunhada.

*Roz.* Porém eu devo fazer cazo, pois, se houver de ser sua nora, hei de aturalia.

*Leon.* Senhor Octavio, fazei-nos a graça de vos sentar aqui entre nós, e conversaremos, já que não está aqui a Condessa.

*Oct.* Oh que feliz occasião de estar entre duas Damas tão bellas!

*Senta-se no meio dellas.*

*Leon.* Que vos parece? minha sobrinha não he huma rapariga de todo o merecimento?

*Oct.* Certamente que sim; e tem o espirito delicado; he huma daquellas senhoras, que namoraõ mais calando, do que falando.

*Roz.* Tendes razão; porque as minhas palavras são inspidas.

*Oct.* Não, senhora: eu me explico. As vossas palavras cheias de modestia, podem confundir a hum amante: porém os vossos olhos, ainda a pezar vosso, enamoraõ. Todas as mulheres gostão de que as louvem. *à p.*

*Leon.* Não he pelo dizer eu: porém o Conde Florindo pôde chamar-se feliz em ter huma espoza do seu caracter.

*Oct.* Certamente que huma espoza tão digna me faz invejar a sorte de meu sobrinho.

*Leon.* Amado Conde: dizei-me a verdade: e vós não quereis cazar-vos?

*Oct.* Eu não fiz voto de não cazar.

*Leon.* Quanto mais util seria à vossa caza que vos cazasseis vós! voiso sobrinho não saberá governar-se

*Roz.* Basta ser filho da Condessa Beatriz,

triz, para não tẽr muito bom genio.  
**Leon.** Vós sois hum Cavalheiro cheio de todas as bellas qualidades.

**Rox.** Feliz espoza, que merecesse hum tal consorte!

**Oct.** Senhoras minhas, vós me fazeis desvanecer; e na verdade que me incitais o appetite de me cazar.

**Leon.** Se vos chegais a declarar, não vos haõ de faltar conveniencias.

**Rox.** Vós, senhor, mereceis ser preferido a qualquer outro.

**Oct.** E vós, Marqueza, preferir-me-eis a meu sobrinho?

**Rox.** Senhor, o meu estado não me permite, que vos responda.

**Oct.** Oh! tendes dito o quanto basta.

**Leon.** Não, Conde: a idade de Rozaura não he proporcionada á vossa: para vós serve hum Dama, que saiba conhecer o merecimento.

**Oct.** Eu tambem não a quero velha.

**Leon.** Eu não digo velha: porém não raõ rapariga.

**Rox.** A senhora minha tia quer inculcar-se. *à parte.*

**Oct.** Devia ser, por exemplo, assim da vossa idade.

**Leon.** Justamente.

**Oct.** E se fosse viuva?

**Leon.** Melhor para vós.

**Oct.** Melhor para mim! perdoi-me, que eu disso nada, não estou inteiramente persuadido.

**Leon.** Hum viuva tem mais assento, do que hum donzela.

**Oct.** Que dizeis, senhora Rozaura? estais por aquillo, que diz vossa tia?

**Rox.** Eu digo, que cada hum defende a sua cauza.

**Oct.** Pois entaõ toca-vos a vós defender a vossa.

**Rox.** A hum donzela não he licito entrar em semelhantes discursos.

**Oct.** Se vós vos não quereis defender,

eu o farei: vós sois hum senhora de todo o merecimento: não he verdade, senhora Dona Leonor.

**Leon.** Oh! isso he quanto permite a sua idade, e pouca educaçaõ que teve: porém perdoe-me, não he quanto basta para hum Cavalheiro de juizo.

**Rox.** Melhor he dizer que eu não tenho ingenho, nem auctoridade para defender o contrario.

**Oct.** Porém vós, senhora, não disseste que o Conde Florindo se podia chamar feliz com hum espoza do seu caracter?

**Leon.** Oh! ella he bella para hum rapaz: porém para hum homem como vós não faria ao cazo.

**Rox.** A senhora tia faz-me muito boas recommendaçoes. *à parte.*

**Oct.** Meu sobrinho he chegado de Napoles: ainda que o seu cazamento com a senhora Marqueza está justo, não está concluido, pois falta o seu consentimento; e eu sentiria infinitamente que elle recuzasse o fazello.

**Leon.** Nesse cazo cazar-vos-eis vós?

**Oct.** Sim: nesse cazo satisfaria eu por elle a palavra, que dei á Marqueza.

**Leon.** Oh! a Marqueza não he propria para vós.

**Rox.** Estas viuvias sempre foraõ invejadas das fortunas das raparigas. *à p.*

**Oct.** Pois, senhora Dona Leonor, instrui-me vós a quem em tal cazo me poderei eu inclinar.

**Leon.** A hum Dama, que vos ama; a hum Dama, que livra das verduras da mocidade, e sabe dar estimaçãõ ao verdadeiro amor.

**Oct.** Dizeis bem: a seu tempo me aproveitarei do conselho.

**Leon.** Parece que o Conde não me despreza. *à parte.*

**Oct.**

*Oct.* Amada Marqueza, vós sois bem fermoza.

*Leon.* Andai, não zombeis mais da pobre moísa.

*Oct.* Na verdade, que me agrada muito.

*Leon.* Conde Octavio, vós estais divertindo-vos com minha sobrinha:

*Roz.* Senhor, ouvis o que diz minha tia?

*Oct.* Olhai Dona Leonor, vós já me entendeis; porém deixai que eu faça justiça ao merecimento da Marqueza.

*Leon.* Eu bem vejo ter della preza, e a estais afagando: pobre sobrinha, não tenho coração para ver zombar della: vamos. *Levanta-se.*

*Oct.* Senhora Rozaura, estai certa, que

eu não sou capaz de huma má acção.

*Roz.* Eu bem sei o de que vós sois capaz, e o de que he capaz minha tia.

*Leon.* Andai diante, Rozaura.

*Oct.* A Deos, senhora noiva.

*Roz.* Minha tia não póde apartar os olhos de mim. *Vai-se.*

*Leon.* Que dizeis do desvanecimento de minha sobrinha, senhor Conde? feliz aquelle homem, que se caza com huma mulher de meia idade.

*Vai-se.*

*Oct.* Que gosto! que divertimento! Ora são bem loucos aquelles, que suspirão por mulheres: quem sabe trata-las, as traz rendidas: hoje a melhor regra he esta: Zombar com todas; e não se render a nenhuma.

## ACTO SEGUNDO.

### SCENA PRIMEIRA.

#### Gabinette de Octavio com livreria.

*Sahe Octavio, Briguella, e hum Escudeiro.*

*Oct.* De preparar a caza guarnecida de verde. *Para Briguella.*

*Brig.* Sim, senhor.

*Oct.* Já o cozinheiro te deu o rol dos pratos, que ha de hoje pôr na mesa?

*Brig.* Não, senhor: ainda me não disse nada.

*Oct.* Pois observa esta regra: o cozinheiro te ha de dar primeiro a conta dos pratos, para que eu o possa saber quando quizer; e não succeda que algum dia, que o cozinheiro

esteja de mau humor, me deixe ficar envergonhado, se vierem alguns hospedes.

*Brig.* Eu supponho, que elle fará tudo o que eu lhe ordenar: eu o vou saber.

*Oct.* O melhor he dizer ao cozinheiro que venha cá.

*Brig.* Será servido: he preciso saber se o cozinheiro quererá vir; que he hum Francez com a cabeça cheia de fumos. *à p. Vai-se.*

*Escud.* Senhor, a Marqueza Rozaura, e a senhora Dona Leonor agradece a vossa Excellencia . . . .

*Oct.* Já lhes falei: ide a caza da Baroneza

neza Clarissa, e dize-lhe da minha parte, e de minha cunhada que lhe rogamos queira hoje vir jantar com-nosco.

*Escud.* Ah! fóra está o Medico, que o vem vizitar.

*Ost.* Dize-lhe, que fique para jantar com-nosco, e conduze-o para a sala.

*Vai-se o Escudeiro.*

Vejo este Doutor de melhor vontade quando estou saõ, do que quando estou doente; pois quando saõ o recebo como hum amigo; doente o julgo que he hum inimigo.

*Torna a sair o Escudeiro, e diz:*

He chegada a Baroneza Clarissa.

*Ost.* Pois dai parte á Condessa minha cunhada: dize a Baroneza, que me dispenste; que brevemente irei fazer o meu dever; e á Condessa Beatriz, que digo eu que a receba; e se não quizer faze-lo, aviza-me.

*Escud.* Tambem chegou o senhor Pantalaõ.

*Ost.* Está mais alguem na sala?

*Escud.* Está o alfaiate, e o tapeceiro.

*Ost.* Manda-os ao Mordomo: e ao senhor Pantalaõ conduze-o para aqui pelas salas interiores. *Vai-se o Esc.*

*Ost.* Recebo esta vizita de melhor vontade; pois os outros vem importunar-me, e tomar o tempo; e este sempre me traz alguma conveniencia.

*Sahe Pantalaõ por outra parte.*

*Ost.* Bom dia, senhor Pantalaõ.

*Pant.* Vós me mandaste conduzir por huma porta particular.

*Ost.* Di-vos-heis: como tenho recusado receber outras vizitas, quiz evitar que reparassem em que eu

vos tratava com preferencia.

*Pant.* Venho dar-lhe parte de hum bom negocio.

*Ost.* Pois fazeio-o; nem era preciso dar-me parte.

*Pant.* Porém he huma compra de 200 mil cruzados, e por isso gósto que o saibais

*Ost.* O desembolso he grande: e tendes o dinheiro prompto?

*Pant.* Ainda haverá mais algum.

*Ost.* E que generos quereis comprar?

*Pant.* Diamantes, e perolas.

*Ost.* E quem he o vendedor?

*Pant.* He hum Perfiano.

*Ost.* Bom; como traz generos do seu Paiz, sempre se pôde fazer melhor compra.

*Pant.* Certo, que he na primeira mão.

*Ost.* E tem visto mais alguem a fazenda?

*Pant.* Chegou ainda esta manhã, e eu fui a primeira pessoa, a quem os mostrou.

*Ost.* Os diamantes saõ grandes?

*Pant.* Não; saõ medianos.

*Ost.* Teraõ melhor sahida: as perolas saõ rodondas, brancas, e iguaes?

*Pant.* Saõ perfeitissimas.

*Ost.* Parece-vos, que o negocio deixará lucro?

*Pant.* Parece-me, que se ganhará dobrado.

*Ost.* Pois ide de pressa concluir a compra.

*Pant.* Depois cuidaremos na sahida, que lhe havemos dar.

*Ost.* As perolas teraõ boa sahida para Roma: os diamantes podem mandar-se para Veneza; mas primeiro quero que aparteis huma partida de quinhentas, ou seiscentas moedas.

*Pant.* He para fazeres algum mimo?

*Ost.* Quero dallas a meu sobrinho.

*Pant.*

*Pant.* Cuidei que era para alguma Dama.

*Oct.* Isso de presentear senhoras não entendo : palavras quantas quizerem , cortezias , barretadas , algum jantar , quando muito alguma função póde passar ; porém presentes , não caio : se amaõ o que eu possuo , perder-me-haõ a mim o amor : e se me amaõ por interesse , não he inclinação ; e se me não amaõ por inclinação , de que me serve o feu amor ? Huma Dama<sup>3</sup> , que me faz carinhos por hum anel , comparo eu com aquella , que me faz o mesmo por hum cruzado novo.

*Pant.* Bello ! não me desagrada esse modo de discorrer : a mim quando era moço sacaraõ-me bastante.

*Oct.* E agora que já sois velho como vos portais ?

*Pant.* Agora que sou velho estou certo , que zombaõ de mim : porém não disgosto , que me enganem : quando chego ao espelho bem vejo , que estou enrugado , e cheio de cans : com tudo quando huma mulher me diz , que lhe pareço hum rapaz , não deixo de a crer , e não disgosto , e procuro remunerar-lhe com alguma coiza . Todos tem o feu amor proprio , e gostaõ de se ouvir lizongear ; e facilmente se crê o que se dezeja . Parece-me que ainda agora tenho o mesmo espirito , que tinha ha trinta annos ; mas não posso dizer o mesmo das forças : com tudo nunca o divertimento me rouba o tempo dos negocios ; e para confessar a verdade , agora deixo a melhor conversação do mundo , para ir concluir o negocio com o mercador Persiano ; depõis voltarei , e vos contarei quanto tenho navegado no mar de Cupido ,

quantas tormentas tenho soffrido ! em quantos baixos tenho naufragado : e quaõ poucas vezes tenho chegado ao porto ? e quantas , julgando navegar bem , tenho feito naufragio , e quazi perdido o rumo ? *Vai-se.*

*Oct.* O velho he jovial ; com estas pessoas de juizo trato de boa vontade : eu discorro de outro modo ; pois elle diz que muitas vezes foi enganado das mulheres ; e eu tenho protestado zombar de todas.

*Sahe o Conde Florindo.*

*Oct.* Meu sobrinho , seiais bem vindo : fizeste boa jornada ?

*Flor.* Muito boa.

*Oct.* Disseraõ-me , que falais muito pouco : he verdade ?

*Flor.* Falo pouco ; porque receio falar mal.

*Oct.* Isso he maxima do Collegio : quem fala pouco he tido por falto de educação ; e quem fala muito por homem de juizo.

*Flor.* Senhor ! ensinaraõ-me , que distinguisse os homens de espirito dos de juizo : que os primeiros falaõ muito , e tudo o que lhes lembra ; e que os homens de juizo falaõ pouco , e com acerto.

*Oct.* Se fosseis algum ignorante . a conselhara-vos , que calasseis eternamente ; mas sei que vos tendes applicado ; e que vossos mestres estavaõ satisfeitos de vós.

*Flor.* Fiz todo o possivel por não perder o meu tempo.

*Oct.* E estudaste a Filozofia dos homens ?

*Flor.* Estudei aquella , que se chama Peripateica.

*Oct.* Filozofia de rapazes : a dos homens eu vo-la ensinarei : distinguir

bem as coizas do mundo, conhecer bem o genio das pessoas, fazer argumento dos accidentes, que succedem: amar, e procurar ser amado . . . . falo do amor da amizade; não julgéis que vos quero persuadir aquillo mesmo, de que devia reprehender-vos: e ainda sem offender as rigorozas maximas, que vos darão, posso falar-vos do outro amor. Meu sobrinho, já sabereis que vos tenho preparado huma espozã: que! fazeis-vos vermelho! oh que bom molço! mas para que mudais de cor? na verdade que quizera filozofar sobre isso: esta mudança de cor procede do sobressalto do coração, que communicou ao sangue hum movimento mais forte; se o coração se moveu com as muitas palavras, tem toda a malicia para entender: e de vós com simulada modestia vos fazerdes vermelho, colho eu que tendes bastante conhecimento da malicia humana.

*Flor.* Não queirais mortificar-me.

*Oct.* Por certo, que he huma grande mortificação passar do Collegio ao Thalamo. Quando vires a vossa espozã, esquecer-vos-heis de toda a filozofia Escolastica; vereis que bizzarra molça: ah rides-vos! tenhor innocente, rides-vos! grande mestra he a natureza, ella nos ensina as melhores coizas.

*Flor.* Se me vedes calado, e confuzo, he porque minha mãe me embulhou a cabeça com huma quantidade de coizas fastidiosas.

*Oct.* Que vos disse? que eu vos ajustrei o casamento? que ella não consente nelle? que a espozã não vos merece? disse-vos isto?

*Flor.* Isto, e outras coizas de mais importancia.

*Oct.* Disse-vos que eu dissipô o vosso patrimonio? que gasto mais, do que permittem as nossas rendas? que arrumo a caza?

*Flor.* Senhor. . . .

*Oct.* Falai com liberdade, dizei.

*Flor.* Não o posso negar.

*Oct.* Meu sobrinho, sabeis contar? tendes estudado alguma coiza de arithmetica?

*Flor.* Sei quanto me baste.

*Oct.* Pois daqui a pouco vos mostrarei que, depois que morreu meu irmão, tenho desempenhado a caza de quarenta mil cruzados, e tenho feito muitas bemeitoorias, e melhorado o nosso morgado.

*Flor.* Sendo assim, estou consoladissimo.

*Oct.* Vós o experimentareis.

*Flor.* E porque me disse então minha mãe?

*Oct.* Porque he mulher.

*Flor.* Como; porque he mulher!

*Oct.* Se vós estivesseis em hum Collegio de mulheres, como estivesseis em hum de homens, sabereis que as mulheres regularmente sempre pensão o peor: e julgão conforme a paixão: parece-lhes, e querem sustentar, que tudo he como ellas o julgão: vós o experimentareis.

*Flor.* Vós tirais-me a vontade de me cazar.

*Oct.* Pobre mundo! se todos fizessem assim.

*Flor.* Porém vós não tendes cazado?

*Oct.* Não me cazarei.

*Flor.* E quereis que eu me caze?

*Oct.* Haveis de fazello, para conservar a vossa familia.

*Flor.* E porque a não conservais vós?

*Oct.* Andai: vamos fazer huma visita á vossa espozã, que mora aqui perto; se vos agradar, cazai com ella;

ella;

ella ; e se não , não me importa : eu cuido na caza , e vós cuidai em vós ; e cada hum cuida no que lhe pertence : alguns desesperaõ , porque não tem herdeiros ; outros dizem. Em eu morrendo acabou o mundo para mim. Eu sou hum destes.

*Vai-se.*

*Flor.* Que coiza tão extravagante , passar do serio de hum Collegio ás bizarrrias do seculo ! que diversos são os modos de pensar dos homens ! Meu tio em hum quarto de hora me tem feito dez propostas , que a mim me teriaõ levado hum anno inteiro de applicaçãõ. Vamos ver a noiva , que por hora he o melhor estudo , a que me posso applicar.

*Vai-se.*

S C E N A II.

Camera em caza de Dona Leonor.

*Sahe Dona Leonor , e Roxaura.*

*Leon.* Senhora sobrinha , se vos não emendais , não vos hei de tornar a levar comigo a parte alguma.

*Rox.* Eu não vos roguei que me levásseis.

*Leon.* Tratais com os homens com demaziada liberdade , de forte que me fazeis envergonhar.

*Rox.* Pois vós sois a que me tendes dito que devia ser mais desembarassada , e que vos envergonhaveis de me levar ás conversações a fazer figura de Marmota : tendes-me ensinado huma quantidade de conceitos espirituaes , e brilhantes : e agora me reprehendeis por ter unicamente respondido com alguma politica ao Conde Octavio.

*Leon.* He preciso distinguir as occasioens.

*Rox.* He verdade : precisa distinguir as occasioens : a sobrinha não ha de falar , quando a senhora tia quer fazer figura.

*Leon.* Fiz huma forte locura em me encarregar de vós.

*Rox.* Pois eu bem rogo ao Ceo vos livre desse incõmodo.

*Leon.* Já estais estalando por cazar.

*Rox.* Não sei qual de nós o dezeja mais.

*Leon.* Se eu me quizera cazar , nem tres dias estivera viuva.

*Rox.* Porém agora , se o Conde Octavio quizesse . . . .

*Leon.* Vós falais muito no Conde Octavio : parece-me que vos fica muito impresso na memoria.

*Rox.* Todas as vezes , que vos vejo , me lembra o Conde Octavio.

*Leon.* Que me quereis dizer nisso ?

*Rox.* Falai de vagar , que vem o Escudeiro.

*Leon.* Insolente !

*Sahe o Escudeiro , e dix :*

O Conde Octavio , senhoras , pede licença para entrar.

*Rox. , e Leon.* O Conde Octavio ?

*Leon.* Ah ! Ah ! senhora sobrinha sobrefaltou-vos ?

*Rox.* E vós , senhora tia , fizestes-vos vermelha ?

*Leon.* Dize-lhe que esta caza he sua.

*Para o Escudeiro.*

*Escud.* E com elle vem tambem seu sobrinho.

*Leon.* Tambem vem o sobrinho ?

*Rox.* Vem com elle o Conde Florindo.

*Friamente.*

*Escud.* Podem ambos entrar ?

*Leon.* Sim ; que entrem : esta vizita

naõ he a meu respeito. *Para o E/c.*  
*Rox.* A vizita do sobrinho faz valer  
 menos a do tio. *à part.*

*Leon.* Seja-lhe muito para bem, sen-  
 hora noiva.

*Rox.* Tambem eu vos dou os parabens.

*Leon.* O Conde Florindo vir-vos-ha  
 offerecer a maõ?

*Rox.* E o Conde Octavio virá dar-  
 vos o coraçãõ?

*Leon.* E tereis disso inveja?

*Rox.* Depois que vir a Florindo vos  
 responderei.

*Sahe Octavio, e Florindo; e hum  
 criado lhe dá assentos.*

*Oct.* Servo, minhas senhoras. Aqui  
 vem o Conde meu sobrinho, que  
 naõ ha ainda duas horas que che-  
 gou de Napoles, e naõ quiz per-  
 der hum momento sem vir exerci-  
 tar o seu decorozo dever.

*Leon.* O senhor Florindo he taõ  
 gentil, quanto he discreto o Conde  
 seu tio.

*Flor.* Já posso chamar felices os pri-  
 meiros instantes da minha estada  
 nesta Cidade, pois tenho a fortuna  
 de conhecer, e venerar duas Damas  
 de tanto merecimento.

*Leon.* Que vos parece? agrada-vos?  
*Para Roxaura.*

*Rox.* Parece-se alguma coiza com o  
 tio, porém pouco. *Para Leonor.*

*Leon.* A esta agrada-lhe mais o tio,  
 que o sobrinho. *à p. Senta-se.*

*Oct.* Que me dizeis, meu sobrinho,  
 destas duas bellas Damas?

*Flor.* Ambas saõ admiraveis.

*Leon.* O senhor Florindo lizongea-me.

*Rox.* Bem se vê que he rapaz, pois  
 naõ distingue huma da outra. *à p.*

*Oct.* Esta he a senhora Dona Leonor,  
 viuva de hum grande Cavalheiro

Coronel de Sua Magestade, que  
 morreu gloriozamente em huma  
 batalha.

*Leon.* Oh! e morreu bem rapaz.

*Oct.* Pobre viuva! naõ vos desconfo-  
 leis: se morreu o Coronel, naõ  
 morrerãõ os homens todos: ainda  
 para vós haverá algum, naõ choreis.

*Leon.* Vós fazeis-me rir.

*Oct.* Todas as viuvãs que choraõ os  
 mortos, se alegraõ quando lhe  
 lembraõ os vivos. *à part.*

*Rox.* Esta estala de amores pelo Con-  
 de Octavio. *à part.*

*Oct.* Esta senhora he a Marqueza Ro-  
 zaura: o Marquez seu pai faleceu  
 sendo ella ainda menina; a pobre  
 sua mãi morreu o anno passado:  
 e a senhora Dona Leonor sua tia  
 ficou em lugar de sua mãi.

*Leon.* Eu, senhof Conde, eu lhe fir-  
 vo de mãi? faz-me muita honra,  
 porém ainda naõ tenho idade para  
 me saber portar como mãi.

*Rox.* Que te leve a fortuna? quer-se  
 fazer menina. *à part.*

*Oct.* Se vos falta aidade, sobeja-vos  
 a prudencia; e além disso, como  
 já fostes cazada, tendes mais conhe-  
 cimento do mundo.

*Leon.* Tambem nem sei se fui caza-  
 da: o pobre Coronel apenas me  
 espozou, logo foi obrigado a mar-  
 char, e naõ o tornei aver.

*Oct.* Esta quer passar por donzela. *à p.*  
 Mas vós, meu sobrinho, estais calla-  
 do: eu vos dou desculpa: hum  
 mancebo, que sahe do Collegio,  
 acha-se confuzo em huma conver-  
 sação de Damas: porém eu vos  
 faço falar: esta he a senhora Ro-  
 zaura, aquella...

*Rox.* Senhor Conde, naõ diga mais.

*Oct.* Oh! bello: tambem vós vos  
 envergonhais? *Para Roxaura.*  
*Rox.*

Roz. Não faltará tempo para discorremos com mais commodidade.

Leon. O tempo he oportuno, e não se ha de passar inutilmente: senhor Florindo, já sabeis minha sobrinha ha de ser vossa espoza.

Flor. Hum excéssô de jubilo . . . me embarassa o dizer . . . o que o coração . . . quizera expressar . . .

Roz. Mancebo sem desembarasso. *à p.*

Oct. Pobre estudante! he preciso desculpallo: quer dizer que o coração lhe ministra expressões de jubilo, mas que o sobresalto faz com que lhe não bastem as palavras a expressar o que lhe dicta o coração.

Roz. Que brão, que liberdade no falar! *à part.*

Leon. O senhor Florindo pouco a pouco se irá desembarassando: na companhia de hum semelhante tio não pôde deixar de aproveitar muito.

Flor. Senhora, desculpai a minha confuzão, que me faz passar por hum rustico, e mal educado: não me falte o espirito; e quando tiver mais exercicio de tratar as Damas, talvez encontre termos, com que corresponda às suas finezas.

Oct. Bello, meu sobrinho! viva.

Leon. Viva! bellissimo.

Roz. Aquillo são palavras soltas, e sem graça. *à part.*

Leon. Que dizeis Marqueza? o vosso noivo não he discreto.

Roz. Discretissimo. *com ironia.*

Oct. Com licença destas senhoras; esqueceu-me perguntar a meu sobrinho huma coiza importante; ouvi-me huma palavra. *levanta-se.*

Flor. Com licença *levanta-se.*

Leon. Que dizes? não he gentil?

*para Roxaura.*

Roz. Senhora tia, se vós houvesseis

de escolher, a quem escolherieis: ao tio, ou ao sobrinho?

Leon. Para vós, que sois rapariga, he melhor o sobrinho: mas para mim era mais proprio o tio.

Roz. De vós a mim não ha differença, pois vós nem vos podeis lembrar se fostes cazada.

Oct. Falai-me a verdade: agrada-vos a Marqueza? *para Florindo.*

Flor. Agrada-me. *rixonho.*

Oct. E cazareis com ella de boa vontade.

Flor. Sim cazarei. *rixonho.*

Oct. Vós rides-vos!

Flor. Isso não he coiza, que me faça chorar.

Oct. Ride-vos em quanto tendes tempo, que algum dia chorareis. *à p.*

Flor. Não sei em que mundo estou! parece-me que estou sonhando.

*(à parte.)*

Oct. Tornemos para onde estavamos: perdoem-me, senhoras. *(Senta-se.)* fui perguntar a meu sobrinho huma coiza, que me estava dando cuidado.

Flor. O que meu tio me perguntou; mais me interessava a mim do que a elle.

Leon. E pôde-se saber o que lhe perguntastes. *ao Conde.*

Oct. Perguntai-lho a elle.

Leon. Eu não tenho com elle essa confiança.

Roz. Não tem confiança com o sobrinho, mas sim com o tio. *à p.*

Oct. Sim senhora, vós conversai com Florindo: e nós conversaremos ambos; mossos com mossos, e velhos com velhos.

Leon. De vagar com esses velhos.

Oct. Eu sou velho.

Leon. Não he verdade: e quando vós o fosseis, não o sou eu.

*Oct.* Pois se fois rapariga , não me servis.

*Leon.* Porque ?

*Oct.* Porque eu não gosto de raparigas.

*Leon.* Se dissesseis de meia idade , porém velha !

*Oct.* Oh adoravel meia idade ! Que-reis-me bem ? *para Leonor.*

*Rox.* Senhor Conde , eu me alegro.

*Oct.* Cuidai lá no que vos pertence , e deixai-nos.

*Flor.* Oh que amavel tio !

*Oct.* Cabeça de pão , tendes a noiva á ilharga , e não lhe dizeis quatro palavras amorozas ? Sim , que amavel tio , que amavel sobrinho ! oh mocidade insípida ! vêde amada Leonor , o que he a mocidade dos nossos tempos : por isso eu gosto da meia idade. Oh cara minha meia idade ! *para Leonor.*

*Sahe o Escudeiro.*

*Escud.* Senhor Conde , a senhora Condessa Beatriz manda dizer-vos , que se faz tarde , e que vos está esperando para jantar.

*Oct.* Sim : vamos , senhora Dona Leonor , façamos huma pessa a minha cunhada ; vinde vós tambem.

*Leon.* Eu não quizera , que a Condessa Beatriz se estimulasse desta graça.

*Oct.* Ou goste , ou não : a caza he minha : senhora Marqueza , quereis vir connosco ?

*Leon.* Oh ! isso não está bem a huma rapariga.

*Oct.* Sim , dizeis bem ; huma rapariga em huma meza ! oh isso não ! por isso eu não quero raparigas , quero senhoras de meia idade.

*para Leonor.*

*Rox.* Está bem senhora tia , vós hí-reis , e eu ficarei.

*Leon.* E que quereis , que vos faça , se vós não podeis vir ?

*Rox.* Paciencia ! ficarei.

*Leon.* Eu não quero rejeitar o favor do Conde Octavio.

*Rox.* Pois ide , que eu ficarei só : he bella politica ! *à parte.*

*Flor.* Meu tio , poderei eu ficar fazendo companhia á senhora Rozaura ? *Rindo se.*

*Oct.* Oh bizarro moço , e ficareis gostozo ?

*Flor.* Se podesse.

*Oct.* Meu sobrinho está fóra de si : vamos não façamos esperar os convidados.

*Leon.* Marqueza , tende paciência.

*Oct.* Florindo , servi a senhora Dona Leonor.

*Leon.* Oh , perdoai-me , não quero dar ciumes á senhora Rozaura ; servi-me vós Conde.

*Oct.* Sim , sim , vinde cá minha graciosissima meia idade : vós meia idade , eu meia idade , faremos hum seculo entre ambos. *Vai-se com Dona Leonor , e Florindo.*

*Rox.* Minha tia grangeou para si o Conde Octavio ; nisto não ha que duvidar : cazar-me-hei com o Conde Florindo : sim espozallo-hej : elle não he tao jovial , e espiritozo , porém não importa ; para marido he bom : nem eu com o marido tenho necessidade de ter conversações discretas.

SCENA III.

Camera em caza do Conde Octavio ;  
o Conde Lelio , o Doutor , e hum  
Escudeiro , que se achão na mesma  
camera.

*Escud.* **T**Enhão paciencia : entre-  
tenhaõ-se aqui , que o  
Patraõ não pôde tardar. *Vai-se.*

*Lel.* Eu não costumo cear , e por isso  
tenho boa vontade.

*Dout.* E porque não ceais ! o comer  
muito fim he prejudicial , porém o  
não comer nada , tambem  
não he louvavel.

*Lel.* Dir-vos-hei : sempre vou jantar  
com algum amigo , que me convi-  
da ; hum dia hum , outro dia ou-  
tro : janta-se tarde : a companhia  
faz appetite de comer mais ; e a  
noite nunca tenho vontade.

*Dout.* Vós vindes jantar frequente-  
mente com o Conde Octavio ?

*Lel.* Muitas vezes dois , ou tres dias  
na semana.

*Dout.* Julgo que elle vos manda con-  
vidar , e roga , e insta que venhais ?

*Lel.* Oh ! venho quando quero , e  
me ponho á meza sem ceremo-  
nia.

*Dout.* Mas se o jantar fóra de caza  
vos cauza incommodo , podeis de-  
ixar de vir.

*Lel.* Dir-vos-hei : o Conde he hum  
homem cheio de vaidade de ter a  
sua meza peçoas nobres , e por  
isso me está sempre importunando  
para que venha.

*Dout.* Que impertinente !

*Lel.* Tendes vindo mais vezes jantar  
com o Conde Octavio ?

*Dout.* Tem-me feito esse favor algu-  
mas vezes.

*Lel.* E que me dizeis ! não tem huma  
meza magnifica ?

*Dout.* Tem huma meza de Principe.

*Lel.* Ouvis ? digo-vos isto a vós que  
fois hum homem de bem : não fei  
o como elle faz : as suas rendas não  
chegaõ para tanto : eu fei todos os  
seus negocios.

*Dout.* Se não podesse fazello , não o  
faria.

*Lel.* E quantos fazem o que não po-  
dem , brevemente o veremos.

*Dout.* Isso , perdoai-me , he discorrer  
sem fundamento.

*Lel.* Eu fallo como entendo : o  
Conde Octavio não me paga sala-  
rio.

*Dout.* Porém comeis á sua meza ?

*Lel.* Se como á tua meza , julgo  
que lhe faço fineza.

*Dout.* Oh , que he bem verdade que  
estes senhores daõ de comer a gen-  
te ingrata , e a gente que diz mal  
do proprio bemfeitor. *à part.*

*Sahe Pantalão , e o Criado.*

*Pant.* Está bem , está bem , esperarei  
que venha , e ficarei a jantar com  
elle.

*Escud.* Pois fente-se , que elle logo  
vem. *Vai-se.*

*Lel.* Servo , senhor Pantalão.

*Pant.* Sou criado de V. Excellencia

*Dout.* A Deos meu amigo do cora-  
çaõ. *à part.*

*Pant.* Oh meu amado amigo !

*Lel.* Tambem vós , senhor Pantalão ;  
vindes jantar com o Conde Octa-  
vio ?

*Pant.* Tambem eu venho aproveitar-  
me do favor deste Cavalheiro.

*Lel.* Sim , o Conde Octavio tem  
bom coração , e recebe á sua me-  
za toda a casta de peçoas.

*Pant.*

**Pant.** Veja como fala, senhor: se me admitte a mim, sou hum homem de bem; sou hum hourado negociante; e os homens como eu não vão a meza dos Cavalheiros matar a fome: em minha caza tenho todos os dias companhia: tratto-me com abundancia, e sempre tenho á minha meza convidados, e amigos: se vou jantar com algum Cavalheiro, faço-o porque sou bemvisto; porque gôsto de conversar: porém não reparto os dias da semana hum para huma caza, e outro para a outra; e tres para outra para diversificar, e encher a barriga á custa de outrem.

*Com enfado.*

**Lel.** Que me dizeis, meu Doutor, da livraria do Conde.

**Dout.** Tem muitos livros, e bons.

**Lel.** Quazi tudo he mau: eu he que lhe fiz comprar algum livro bom; que elle não entende disso.

**Dout.** O senhor Pantalão o fez mudar de assumpto. *à part.*

**Pant.** Se elle não for furdo, bem me podia entender. *à part.*

*Sahe Beatriz, e a Baroneza Clarissa.*

**Beat.** Senhores, já estareis enfadados: perdoai; isto já não são horas de jantar.

**Lel.** Quanto a mim, senhora, não vos dê cuidado: o meu chocolate me deixou satisfeito para todo o dia.

**Dout.** Diz bem o senhor Conde Lelio: o chocolate do senhor Conde Octavio he precioso, e nós bebemos cada hum huma chicara.

**Beat.** Este senhor Conde Octavio tem bem pouca creação.

**Lel.** Verdadeiramente que he pouca

politica fazer esperar tanto as senhoras.

**Clar.** Por mim não deve o Conde Octavio tomar oppressão.

**Beat.** Quanto a isso muito menos comigo, que sou sua cunhada.

**Lel.** O Conde Octavio tem hum ar mui ativo.

**Clar.** Fez-vos por ventura alguma descortezia?

**Lel.** Não: porém sou feu amigo, e não gôsto de ouவில் criticar.

**Pant.** Perdoe-me, senhor: eu a todos ouço louvallo, e respeitallo.

**Lel.** E que sabeis vós, que sois hum ignorante!

**Pant.** Eu lhe respondera, se não estivessemos aqui.

**Dout.** O senhor Conde Octavio he o idolo de Napoles.

**Lel.** Oh! hide-vos tomar o pulso aos mortos.

**Dout.** Vós, meu senhor, de tudo dizeis mal.

*Sahe o Conde Octavio, dando o braço a Dona Leonor.*

**Oct.** Perdoai-me, senhores, se vos fiz esperar: o appetite fará com que o jantar vos saiba melhor, e comeremos com mais vontade.

**Clar.** O senhor Conde tem razão de desculpa, pois esteve servindo a huma Dama.

**Leon.** Se elle soubesse, que o esperava a senhora Baroneza, tivera vindo mais cedo.

**Oct.** ( Oh que bella scena gozarei hoje) minhas senhoras, os vossos cumprimentos me interessão tambem a mim, e estou obrigado a justificar-me com ambas. A senhora Dona Leonor tinha motivos para me demorar.

*Beat.*

**Beat.** Eu não esperava, que trouxesse consigo Dona Leonor.

**Oct.** Senhor Lelio, eu vos agradeço infinitamente, que me façais a mercê de vir jantar comigo hoje: que novidade temos?

**Lel.** Temos varias novidades: á meza falaremos.

**Oct.** Quem está lá: (*Sahe hum criado.*) Em chegando o Conde Florindo, chama-me logo para a meza.

*Vai-se o criado.*

Depois heide mostrarvos, já que sois curiozo, hum cavallo de manejo que comprei hontem, e não vos ha de desagradar. *a Lelio.*

**Lel.** De que raça he?

**Oct.** He de Hespanha.

**Lel.** De que cor he?

**Oct.** Castanho claro.

**Lel.** He potro?

**Oct.** Não tem mais de tres annos.

**Lel.** Já o montastes?

**Oct.** Já o montei mais de tres vezes, galopeia com huma graça admiravel; tem a garupa rodonda; o pescoco curto; a cabeça pequena; he doce da boca; obediente á re-dea; passeia, galopeia, muda de passo sem se descompor; não tem manha, não tem defeitos; he huma joia.

**Lel.** Quanto destes por elle?

**Oct.** Oitenta mil réis; mas não o venderei por cem moedas.

**Lel.** Certamente que não o pagastes caro.

**Beat.** As moedas vão-se; o Pupilo arruina-se: veremos depois as contas.

**Leon.** Senhor Conde, nós não entendemos disso; falai de alguma coiza, de que nós tambem participemos.

**Oct.** De boa vontade, senhor Pantalão: rendes algumas sedas boas de França.

**Pant.** Tenho-as bellissimas.

**Oct.** Mandai-me quatro, ou seis peças: quero escolher huma; e quero que estas senhoras vejaão se eu tenho boa eleição.

**Pant.** Perdoai-me: quer fazer algum mimo á noiva do senhor Florindo?

**Oct.** Oh! nisso cuide elle: tambem eu, senhor Pantalão, faço os meus mimos: tambem tenho as minhas inclinaçoens. (*Olha para Clarissa, e Leonor.*)

**Clar.** Olha para mim! parece que quer que o entenda por mim. *a p.*

**Leon.** Esta seda deve ser para mim. *a p.*

**Oct.** Senhor Doutor, se vós houvésseis de aconselhar a hum homem, de que idade o aconselhareis a que se cazasse?

**Dout.** Assim . . . . de meia idade.

**Oct.** Bello: de meia idade. E a mulher de que idade deviria ser.

**Dout.** Tambem ella assim . . . . quazi o mesmo.

**Oct.** De meia idade . . . . viva a meia idade.

**Leon.** Sim; nem muito moça; nem muito velha.

**Clar.** De vinte e seis, ou vinte e sete annos, he verdade senhor Doutor?

**Dout.** Justamente.

**Leon.** Quando huma donzella chega a essa idade he signal, que não tem achado com quem cazar.

**Clar.** Pois eu senhor Doutor, tenho ouvido dizer, que huma viuva sempre he mais velha; não he verdade.

**Dout.** Perdoai-me: eu nestas materias nunca decido.

*Sahe o Conde Florindo.*

**Flor.** Servo destas senhoras.

**Oct.** Oh, he chegado meu sobrinho: vamos já para a meza. *ao criado.*

D

**Beat.**

*Beat.* Onde estiveste até agora?  
(a *Florindo*.)

*Flor.* Ffui no meu quarto.

*Of.* Oh, as máis prudentes não perguntão similhantes coizas: esteve com a esjoza. Vamos senhores, fação-me mercê; tirem os espadins, e chapéos: liberdade; liberdade: vamos andando; malditas ceremonias: ainda não? quem tem fome venha, e quem a não tem, fique. Senhoras, vamos.

Dá o braço a *Clarissa*, e *Dona Leonor*, e váo se.

*Beat.* Onde estiveste até agora?

*Flor.* No meu quarto.

*Beat.* Depois de jantar falaremos.

*Vai-se.*

*Flor.* Minha mái não me gosta, ficarei com meu tio. *Vai-se.*

*Dout.* Andai vos primeiro. (fazendo cerimonia com *Pantalaõ*.)

*Lel.* Com sua licença, toca-me a mim.

*Dout.* Diz bem; porque tem mais fome que os outros.

*Lel.* Doutor ignorante. *Vai-se.*

*Dout.* Que dizeis, amado *Pantalaõ* deste insolente?

*Pant.* Digo, que hum Cavalheiro de bom gosto não o deve supportar.

*Vai-se.*



## ACTO TERCEIRO.

### SCENA PRIMEIRA.

Camera com os preparos para café, &c.

*Briguella*, *Bartholo*, e outros criados.

*Brig.* V Amos: tragaõ para aqui esta meza, e ponhaõ prompto o café, e rozaões, porque he já quazi noite; (os criados fazem tudo) vamos tenhor *Bartholo*, faça tambem alguma coiza.

*Bart.* Eu, tenhor *Mordomo*, já trabalhei na cozinha o que tinha que fazer, e não quero fazer outra coiza.

*Brig.* Não quer fazer outra coiza? assim se responde a hum *Mordomo*?

*Bart.* Mandê-me fazer o que me toca a mim, e verá como o sirvo de boa vontade.

*Brig.* Ha de fazer tudo, o que eu

lhe mandar; ha de ajudar a aparelhar esta meza.

*Bart.* Porém em quanto faço isto, não posso fazer outra coiza.

*Brig.* E que outra coiza tem que fazer?

*Bart.* He galante: não sabe qual he a minha obrigaçaõ?

*Brig.* Póde ser que a não saiba: dizema tu.

*Bart.* Bem parece novato. O *Mordomo*, não este ultimo, mas o outro antecedente, elle he que sabia mandar, e eu lhe devia obedecer.

*Brig.* Pois dizê, o que te mandava elle fazer?

*Bart.* Quando pela manhã hia comprar para caza me fazia levar hum sacco separado de caza: e quando com-

comprava vaca, vitella, gallinha, fructas, de tudo mettia hum pouco no outro sacco, e me dizia: Bartholo, leva isto: adivinha agora a quem.

*Brig.* A quem?

*Bart.* A sua comadre: quando o cozinheiro fazia pastelinhos, tirava meia duzia, e me dizia: Bartholo leva isto, sabes a quem?

*Brig.* A quem?

*Bart.* A sua comadre: quando se acabava a meza dos Patroens tirava hum pedaço de assado, huma meia torta, metade de huma empanada: e logo: Bartholo. Senhor, Leva isto: adivinha agora para quem era.

*Brig.* Para quem?

*Bart.* Para sua comadre. Depois de jantar pegava em todos os sobejos dos frascos, e das garrafas, e em frascos, e garrafas inteiras, e depois; Bartholo! senhor leva este vinho. Agora isto não pôde saber para onde o mandava.

*Brig.* Pois para onde?

*Bart.* Para sua comadre.

*Brig.* Pois tudo era para sua comadre?

*Bart.* Senhor sim: e eu lhe obedecia com toda a fidelidade; sabe vossa mercê porque? porque com o pretexto da senhora comadre tambem eu roubava ao senhor compadre.

*Brig.* Esse Mordomo he muito verdadeiro.

*Bart.* Elle era muito meu amigo: de manhã muito cedo o hia eu acordar.

*Brig.* Onde dormia elle?

*Bart.* Em câza de sua comadre.

*Brig.* Bonito.

*Bart.* Huma vez que esteve doente, o senti eu muito, e dei bastantes maldiçoens a quem foi cauza de elle adoecer.

*Brig.* E quem o fez adoecer?

*Bart.* A sua comadre.

*Brig.* Já me lembro; este Mordomo ainda não ha muito tempo, que se foi de caza.

*Bart.* Eu sei o porque elle se despedio.

*Brig.* E porque?

*Bart.* Por amor de sua comadre: e tambem sei o que faz agora.

*Brig.* E que he, o que faz agora?

*Bart.* Elle he alcoviteiro: e sabes de quem?

*Brig.* De quem?

*Bart.* De sua comadre.

*Brig.* Pois ouve; eu não tenho comadre, nem quero que ninguem me sirva: sirvo a meu amo com zelo; os criados emprego-os em coizas licitas, e honestas, e quero que me obedeçaõ: vamos, traze aquellas cadeiras.

*Bart.* Vamos, traze aquellas cadeiras.

*aos Criados.*

*Brig.* Eu mando-te a ti.

*Bart.* E eu a ti.

*Brig.* Como! olha que te hei de tocar a caixa.

*Bart.* Se me perdes o respeito, farei queixa.

*Brig.* A quem te has de queixar?

*Bart.* Aos meus Protectores?

*Brig.* E quem são os teus Protectores?

*Bart.* Queixar-me-hei á senhora comadre.

*Brig.* Tu queixar-te-has á senhora comadre, e no em tanto este será o senhor compadre. (*Da-lhe.*)

*Bartholo* sem falar vai pondo as cadeiras, e de quando em quando diz a *Briguella Criado* senhor compadre e postas as cadeiras repete: *Sou criado do senhor compadre: e se vai.*

*Brig.* Estes vilhaços quando encon-

traõ quem lhe mande fazer vilhacadas ficaõ satisfeitos : mas parece-me que lá vem o Patrião.

*Salte o Conde Octavio servindo a Dona Leonor, Florindo a Clarissa, Lelio: Beatriz, Pantalão, e Doutor.*

*Oct.* Oh, com luzes veremos melhor: servi vos de vos sentar, e beba mos café. *Senta-se.*

*Pant.* Depois do vinho de Canarias, he necessario hum pouco de café.

*Dout.* Meu Pantalão, para rebater os calores melhor he o café.

*O.* Quanto vos estou obrigado, minhas meninas, por esta honra! *Bota café.*

Eu neste mundo não tenho coiza que mais estime, do que a alegria, a companhia dos bons amigos, e a honra que me fazem estas adoraveis senhoras. Amada Baroneza, esta he para vós. *para Clarissa.*

*Clar.* Eu quazi nunca bebo café; obrigadissima.

*Oct.* Ora tomai.

*Clar.* De verdade, que me não faz bem.

*Oct.* Dou-vo-lo eu.

*Clar.* Pois toma-la-hei; porque vós ma dais?

*Leon.* Servio primeiro a Clarissa. *à p.*

*Oct.* Agora vou servir-vos, minha querida meia idade. *para Leonor.*

*Leon.* De vagar; que eu não quero, que me ridiculizem.

*Oct.* Que! tomais isto a mal?

*Leon.* Eu não venho aqui a fazer rir a companhia.

*Oct.* Perdoai-me; não o tornarei a dizer: tomai esta chicara de café.

*Leon.* Não a quero.... *enfadada.*

*Oct.* Andai, tomai-a.

*Leon.* Senhor, não,

*Oct.* Sim, minha amada. *com graça.*  
*Leon.* Sois hum forte não sei que.

*Oct.* Vós, e eu podiamos fazer hum bella geração.

*Clar.* Quando fala com Dona Leonor se arrebatava, e nunca acaba.

*Oct.* Senhor Lelio, vós não falais?

*Lel.* Eu estou-me gozando do espirito destas bellas Damas.

*Oct.* Pois se gozais do espirito, estou contente.

*Lel.* O que? que entendeis vós por isto?

*Oct.* Não o quero dizer em publico.

*Lel.* Adverti, que são duas.

*Oct.* E por isso! eu não me confundo?

*Lel.* Quereis tudo para vós?

*Clar.* O senhor Conde Octavio não se pôde dividir em dois.

*Leon.* He verdade, será todo da senhora Baroneza.

*Clar.* Oh! eu não tenho tanto merecimento.

*Oct.* Ouvi, senhoras minhas: quero manifestar-vos a verdade; ja tenho determinado quem ha de ser a minha espoza, e o hei de dizer publicamente, e todos haveis de ficar satisfeitos.

*Beat.* He preciso saber se nós conhecemos esta vossa espoza.

*Oct.* Se a conheceis! a minha espoza está aqui a esta meza.

*Clar.* Como?

*Leon.* Aqui á meza?

*Oct.* Sem duvida.

*Clar., e Leon.* E quem he?

*Oct.* A seu tempo o tabereis.

*Leon.* Receio que seja a Baroneza, *à parte.*

*Clar.* Sem duvida he Dona Leonor. *à parte.*

*Leon.* Queria dizer-vos hum segredo, *po-*

porém não sei como o possa fazer.  
*para Octavio.*  
*Oct.* Com licença ( *cobre a cara da parte de Clarissa* ) não tendes ciu-  
 mes, ( *para Clarissa* ) aqui estou,  
 falai.  
*Leon.* Vós cazais com a Baroneza  
 Clarissa?  
*Oct.* Oh S. Pedro me leve, se tal  
 tenção tenho.  
*Leon.* Sem dúvida ferei eu a espoza?  
*Clar.* Senhor Conde, poderei tambem  
 eu dizer-lhe huma palavra?  
*Oct.* Com boa vontade, com vossa  
 licença ( *para Dona Leonor* ), e  
 faz o mesmo, aqui estou ( *para  
 Clarissa* ) não vos estimuleis ( *para  
 Dona Leonor.* )  
*Clar.* Eu sei que tendes dado o vosso  
 coração a Dona Leonor.  
*Oct.* Se eu cazar com Dona Leonor,  
 dizei que eu sou hum Cavalheiro  
 indigno.  
*Clar.* Logo posso eu lizongear-me de  
 que ferei a escolhida. ( *para si.* )  
*Beat.* Senhor cunhado, já que hoje  
 se costuma falar ao ouvido, pode-  
 rei eu tambem dizer-vos hunja pa-  
 lavra?  
*Oct.* Sim, senhora: com licença destas  
 senhoras. ( *levanta-se, e vai  
 para Beatriz.* )  
*Beat.* Poderei eu saber com qual das  
 duas vos cazais?  
*Oct.* Com nenhuma. *à part.*  
*Beat.* Ide-vos daqui. *à part.*  
*Oct.* Não: como homem de bem. *à p.*  
*Beat.* Então como dizeis, que a vossa  
 espoza está aqui á meza?  
*Oct.* He verdade.  
*Beat.* E não he nenhuma destas duas?  
*Oct.* Como Cavalheiro que não.  
*Beat.* Oh, esta he bella!  
*Oct.* Tambem vós daqui a pouco o  
 sabereis: quereis mais alguma coi-  
 za?

*Beat.* Nada mais.  
*Oct.* Vou para o meu lugar.  
*Beat.* Oh! seria galante, se lhe met-  
 tesse na cabeça a afneira de perjuar-  
 dir se, que ha de cazar com a cu-  
 nhada. *à part.*  
*Oct.* Aqui estou, bellas senhoras; per-  
 doai-me: que tendes que estais pen-  
 sativas.  
*Clar.* Estou pensando quem será esta  
 vossa espoza?  
*Leon.* Podeis dizer-lho, e poupar-  
 lhe esse cuidado.  
*Oct.* Quero fazer-me rogar ( *à part.* )  
 no entanto bebamos á saude da mi-  
 nha espoza ( *bota roxasões, e to-  
 dos bebem a saude da espoza.* )  
*Flor.* Senhor tio, nós bebemos á sau-  
 de da vossa espoza, e não beberem-  
 os a saude da minha?  
*Oct.* Tendes razão: á saude da Mar-  
 queza Rozaura: viva a espoza de  
 meu sobrinho.  
*Todos.* Viva.  
*Beat.* Que espoza he esta! que histo-  
 ria he esta! eu não sei nada.  
*Oct.* Andai, senhora cunhada, bebei  
 vós tambem á saude de vossa nora.  
*Beat.* Oh! isso não.  
*Flor.* Sim amada mãe: se me quereis  
 bem, fazei-o por amor de mim.  
*Oct.* Sim; sim; e viva, bebei, be-  
 bei, e viva. ( *à Beatriz.* )  
*Flor.* Amada mãezinha, que viva.  
*Beat.* Ah vilhacos, quantos tois.  
*Oct., e Flor.* Viva a espoza.  
*Beat.* Viva, viva: estais latisfeitos.  
 ( *bebe.* )  
*Oct.* Mordomo.  
*Brig.* Senhor.  
*Oct.* De pressa vai a caza da Marque-  
 za Rozaura, e dize-lhe que toda a  
 companhia bebeu á sua saude: e  
 especialmente a Condessa Beatriz  
 bebeu á saude de sua nora.

*Beat,*

*Beat.* E vnaõ disse . . . . .

*Oct.* De pressa, faze o que te mando.

*Brig.* Já vos obedeço.

*Oct.* Façamos huma coiza: vamos todos ter com a Marqueza! que dizeis, senhora Dona Leonor?

*Leon., e Clar.* Podeis dispor daquella caza.

*Oct.* Senhora cunhada, vamos.

*Beat.* Vós me quereis metter em algum empenho.

*Oct.* Sim em hum empenho, que se desfaz com duas palavras.

*Flor.* Minha amada mãi, se me quereis bem, vinde.

*Beat.* Tu em tudo queres, que te faça a vontade?

*Flor.* Vem, vem.

*Oct.* Bello, bello: vamos, e tambem vós senhora Rozaura.

*Clar.* Eu não tenho confiança com a Marqueza.

*Leon.* Se quereis vir, eu receberei muita honra: (virá mortificar-se.

*à part.*

*Clar.* Aceito o vosso favor.) Tu te arrenderás de eu ter hido. *à part.*

*Sahe Briguella.*

*Brig.* Illustrissimo: a senhora Marqueza agradece a toda esta nobre companhia o brinde, que lhe fizeraõ, e principalmente agradece á senhora Condesa Beariz dignarse tratalla com o titulo de sua riora, e protesta que sempre lhe será criada fiel e como filha obediente.

*Oct.* Bello: este recaõ está muito bem ordenado. O meu Mordomo portar-se muito bem: que dizeis senhora cunhada? estais satisfeita das expressoens da Marqueza?

*Beat.* Pois ella na verdade disse isso? *(a Briguella.)*

*Brig.* Como homem de bem vos afirmo, que o disse assim.

*Oct.* Mandai avizar a Marqueza, que agora a vamos todos vizitar. *(a Briguella.)*

*Brig.* Eu vou a servillo.

*Oct.* Senhora Baroneza, sirva-se. *(Offerece a mãõ a Clariffa.)*

*Leon.* Senhor Conde, quando vicmos serviste-me vós a mim.

*Oct.* He verdade, não posso faltar; Conde Lelio, servir vós a Baroneza.

*Clar.* Andai cá Florindo, servi-me vós. *(parte com Florindo.)*

*Lel.* Incivil! sem cortezia! trataõ-me assim, porque eu me não deixo lo-grar.

*Oct.* Andai; servi a minha cunhada: vamos Condesa. *(parte com Dona Leonor.)*

*Lel.* Quer servir-se?

*Beat.* Faz-me favor.

*Lel.* Não fico mal; desta posso esperar o que não posso haver da outra; pois em tempo de noivados não faltarão bons jantares. *à part.*

*(Vai-se com Beatrix.)*

*Pant., e o Dout.* Vamos nós tambem seguindo a elles. *Vão-se.*

## S C E N A II.

Camera da Marqueza.

*Rozaura, e hum criado.*

*Roz.* A Nda cá; torna-me a repetir o que disse o Mordomo de caza do Conde Octavio.

*Criad.* Disse que o senhor Conde Octavio mandava participar-lhe, que daqui a pouco a vinha vizitar com toda a companhia.

*Roz.* E tambem a senhora Beariz? *Criad.*

*Criad.* Não disse mais.

*Rox.* De pressa vai perguntar-lhe se vem a Condessa Beatriz. (o criado quer ir.)

*Rox.* Ouves? pergunta-lhe se também vem Florindo. (o criado quer partir.)

*Rox.* Oh sabe se vem também as senhoras.

*Criad.* Faz-me andar em humba debandoura. *Vai-se.*

*Rox.* Não sei o que significa esta novidade: a Condessa Beatriz fazer-me hum brinde, e vir agora visitar-me? provavelmente esta justo o meu matrimonio: e eu heide ter prazer, ou não? oh assim, assim.

*Sahe o Criado.*

*Criad.* Senhora, já vi da janella, elles chegado.

*Rox.* Vem a Condessa Beatriz?

*Criad.* Sim senhora.

*Rox.* Também vem Florindo?

*Criad.* Senhora sim.

*Rox.* Está justo: quem dá a mão a minha tia?

*Criad.* O Conde Octavio.

*Rox.* Oh como virá satisfeita de a servir o Conde Octavio! Vai-te fazer os entrar.

*Criad.* Senhora, disserão-me que ella cazava.

*Rox.* E isso que importa?

*Criad.* O meu caô cazou-lhe mais molfo do que eu. *Vai-se.*

*Rox.* Que simplicidade! Mas ellas vem.

*Sahe Octavio servindo a Dora Leonor, Florindo a Clarissa, Lelio a Beatriz, o Doutor a Pantalaô.*

*Oct.* Servo da senhora Marqueza.

*Leon.* Boa noite, minha sobrinha.

*Clar.* Sou vossa serva: perdota-me o incommodo, eu vou por fazer companhia a estes senhores.

*Beat.* Todos vos quizerao vir visitar.

*Rox.* Oh! grande alegria: o Conde Octavio infunde contentamento em todos.

*Lel.* Sabeis quem infunde esta alegria?

*Rox.* Quem?

*Lel.* Dez garrafas de excellente vinho.

*Rox.* Oh! não me deixo persuadir, que essa seja a cauza de estares alegres.

*Oct.* Não, senhora, não estamos alegres por essa cauza: bebemos como homens, e não como brutos; o que nos faz estar alegres he humma boa companhia, que temostido: humma meza parca, e sobria, mas com boa harmonia, e dada com boa vontade; estas formozas Damas, estes Cavalheiros bizarros, tudo tem contribuido a passar hum bom dia; mas o que nos enche mais de jubilo, faz que nos vejais tão cheio de rizoses, vós adoravel Marqueza, bebemos á vossa saude: minha cunhada, como podem testemunhar todos estes senhores, disse viva a Marqueza minha nora; aqui está o Conde Florindo, que vos offerce a tua mão; a Condessa Beatriz, que vos receba como filha, e este vosso criado, a quem hon-

honrarei com o titulo de vosso tio.  
**Rox.** Conde Octavio, não posso responder ás vossas insinuaçoens se não com as aceitar; beijo as mãos á Condessa, que se digna de me aceitar por filha; juro a minha fé ao Conde Florindo: e a vós amozissimo tio dou as maiores graças pois consigo a honra de me apresentar convosco.

**Beat.** Marqueza, eu não sei o que disse; se o Ceo tem destinado hum tal matrimonio, he justo que se faça: se amares a meu filho, eu vos amarei igualmente: dei o sim querer.

**Rox.** O cumprimento he extravagante, porém não importa. *à part.*

**Flor.** Amantissima espoza, eu vos confagro o mais perfeito amor: e para vos segurar da minha fé, juro nunca separar-me do vosso lado.

**Rox.** Muito obrigada.

**Leon.** Sobrinho, muito parabem. Já estareis satisfeito.

**Rox.** Julgo que não tardará muito, que tambem vos dê os parabens.

**Leon.** Quem sabe? pôde ser que sim.  
 Conde Octavio, lembrai-vos da vossa promessa.

**Ost.** Que promessa senhora?

**Leon.** Prometteste mostrar-nos a vossa espoza.

**Clar.** He justo: satisfazei-nos a curiosidade.

**Ost.** Sou homem de bem, prometti, e heide manter a minha palavra.

**Rox.** Tambem o senhor Conde se caza?

**Ost.** Sim senhora.

**Beat.** Duas noivas em huma caza.

**Ost.** A minha espoza não vos ha de aborrecer.

**Beat.** Tambem ella quererá tratamento de senhora: e quem quer que

seja, senhor cunhado: perdoai-me, he imprudencia.

**Ost.** He imprudencia?

**Beat.** Mas vós sois hum tonto: não falais! não dizeis nada? *(a Flor.)*

**Ost.** Andai: dai tambem a vossa razão. *(a Florin.)*

**Flor.** Eu não sei, o que hei de dizer?

**Beat.** Se não sabeis o que haveis dizer, eu vos lembrarei algumas coizas: dizei a vosso tio, que a nossa caza está arruinada: que os seus magnificos tratamentos a tem empenhada: e qué para se acabar de arruinar só faltava o seu casamento.

**Ost.** Tendes entendido? então que dizeis? *(a Florin.)*

**Flor.** Mas.... se assim fosse....

**Leon.** Oh! o sobrinho não deve embaraçar-se com os negocios do tio.

**Clar.** Seria bello, se o tio houvesse de depender do sobrinho!

**Beat.** Estas duas senhoras escaldaõ: ambas aspiraõ a tão grande fortuna: alliviai-as deste cuidado; nomeai a vossa espoza.

**Ost.** Agora sim, quero dar este gosto a todos estes senhores. Senhor Pantalão, estas senhoras dezejaõ, que eu lhes dê a conhecer a minha espoza; prometti-lho, e he justo que o faça. Senhoras minhas, a espoza que eu amo, a espoza com quem estou cazado, sabeis qual he? he huma sociedade com o senhor Pantalão: ouvi qual he o contrato das nupcias. *(tira hum papel.)*

Pela presente escriptura, &c. Fica estabelecida entre nós o senhor Conde Octavio Astolfi, e o senhor Pantalão de Bisognosi, huma sociedade, tendo entrado o primeiro com 80U cruzados de capital,

e o segundo com 40; para que empregando-se em negocio tejaõ os lucros á proporçaõ das entradas dos sobreditos : tera este de mais dos lucros dez por cento &c. Tendes ouvido? eis aqui a minha espoza : eis aqui o meu contrato : deste modo se defenganarãõ os que falaõ de mim com pouco respeito; porque me vem gastar mais, do que rendem os meus morgados, e julgaõ que eu dissipo, e arruino a caza; deste modo he que posso sustentar os meus honestos divertimentos. Minhas amadas senhoras, perdoai-me a pessa graciosa, que pertẽji fazer-vos, mas não o fiz por falta de estimaçaõ, e respeito às vossas pessoas: eu não quero mulher: a todas tratarei igualmente: conversarei com as que me quizerem admittir á sua companhia; mas daqui em diante terei mais circumspecçaõ em di. er palavras que possaõ lizongear, pois a experiencia me tem mostrado o mal que podem produzir as graças, que se dizem nas conversaçõens.

*Clar.* Eu por mim sempre me ridas vossas palavras, e sempre as tomei por galantaria, e me maravilhava que Dona Leonor se lizongevava de que vós fallaveis com ella.

*Leon.* Eu me admiro de Vós! parece-vos que não conheço o Conde Octavio? elle he consumado a zombar, e eu lia com elle para me divertir.

*Oct.* Louvo ao Ceo; pois conhecendo estas senhoras perfeitamente que eu zombava, não me fica algum remorso Senhora cunhada estas de zengabada, que eu seja arruina desta caza! e que não tenho dissipado o patrimonio de vosso filho!

*Beat.* Amado cunhado, perdoai-me o meu mau juizo: e a vós vos encomendo a economia desta caza.

*Oct.* Se ha mais algum, que discorra como vós, agora ficará persuadido da minha pontualidade.

*Lel.* E quem quereis, que julgue mal de vós?

*Dout.* Oh! agora não posso calar-me: não posso soffrer gente de duas caras: sim quero falar. O senhor Lelio he o primeiro que dizia, que o senhor Conde Octavio gastava mais do que podia, que estava cheio de dividas, e inteiramente arruinado.

*Lel.* Eu? não he verdade.

*Beat.* E bem verdade: disse-mo a mim mesmo; e que ereis hum altivo, e fuberbo.

*Oct.* Ingrato! incivil! assim falais de quem vos faz senhor da sua meza? se estivesseis em minha caza, vos mandaria deitar fóra pelos meus criados.

*Lel.* Eu dizia o que ouvia dizer aos mais.

*Oct.* Pois agora estais obrigado a defdizer-vos.

*Lel.* Sim o fatei; e vós sabereis se o faço: e no em tanto perdoai-me, e não tomarei a vossa caza.

*Vai-se.*

*Oct.* Gente pérfida; gente indiscreta; não perturbe isto a nossa serena paz. Vamos acabar a noite com alegria; em minha caza vos tenho preparado hum pequeno divertimento, e agora poderá vir a noiva, e Dona I conor a conduzir.

*Leon.* Escuzai-me, que me doe a cabeça.

*Oct.* Virá com minha cunhada, e com a Baroneza Clarissa.

*L*

*Clar.*

*Clar.* Agradeço-vos : necessito retirar-me de pressa para caza.

*Oct.* Oh ! andai : que melancolias são estas : todo o dia temos estado a rir , divirtamo-nos tambem á noite : amadas meninas vinde ( *para Clarissa* ) andai minha meia idade ( *a Leonor* ) de pressa vamos Florindo , dai a mão a vossa espoza.

*Leon.* Não posso , dize-lhe que não.

*Clar.* O Conde Octavio faz das Damas o que quer.

*Beat. Marqueza :* vamos.

*Rox.* Eu aqui estou prompta , e contente.

*Oct.* Vamos a divertir-nos ; vamos gozarnos daquelles bens que a fortuna , e o Ceo nos concedem : gozar o mundo honestamente , sem offender a ninguem , sem murmuracoes , he aquella vida feliz , que constitue o Cavalheiro de Bom Gosto.

F I M.

